

Filmes de luto: um ensaio¹

Henrique Denis Lucas²
Universidade da Beira Interior – UBI (PT)

Resumo

Circunscrito no âmbito investigativo da tese *Dormitórios: reflexividade e dialogismo na criação de um filme-ensaio sobre o luto*, este trabalho propõe-se a uma primeira abordagem ao cinema de luto, ocupando-se da identificação de recorrências narrativas e estilísticas disponíveis em filmes de canais populares de *streaming* de Brasil e Portugal. O mapeamento não-exaustivo formará um recorte contextual de como a temática do luto está sendo abordada na produção cultural de nosso tempo, sinalizando traços comuns entre produções e a possível impressão do luto na estrutura de sentimentos de nosso período – além de ter relevância afetiva para a tese. Tal qual na tese, propomos abordar o luto no cinema de forma ensaística, apresentando pré-resultados e reflexões livres que estabeleçam novas questões e hipóteses para posteriores trabalhos.

Palavra-chave: luto; cinema de luto; estrutura de sentimentos.

Introdução

Casas que se transformam em monstros, mapas que orientam jornadas de memória pelo interior dos EUA, lembranças de um resgate em meio à guerra, uma espécie de *leprechaun* assombrado que suscita terror psicológico, entre outras histórias. As expressões de luto no cinema se dão de maneiras múltiplas e inusitadas, com perspectivas narrativas e estilísticas bastante autênticas. Tal produção nos sugere uma capacidade terapêutica tanto para os próprios produtores quanto para os seus receptores. Os filmes de luto estão entre nós e talvez eles possam nos dizer muito sobre nossa sociedade e cultura, se considerarmos que uma cosmovisão a partir do luto possa estar impressa nessa produção cultural. Por mais originais, individuais e inovadoras que sejam as soluções narrativas encontradas por seus autores, cremos que haja elementos semelhantes entre obras, componentes de uma partilha de experiências de processos de ressignificação de perdas. Além do compartilhamento de afetos, também podemos considerar que tal produção cultural sinaliza que a morte pode, sim, gerar vida e movimento através da ressignificação de traumas, pois o luto opera processos criativos diversos naqueles que restam. Essa é uma das premissas básicas deste trabalho, dar início a uma série de

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Média Artes da Universidade da Beira Interior (UBI), membro da Unidade de Investigação em Artes (iA*) e do iA*lab CineMATiC. E-mail: ricoilustra@gmail.com.

exercícios para compreensão do lugar da arte nos processos de luto e ressignificação de perdas de entes queridos. Assim, este ensaio se propõe a mapear algumas das soluções criativas recorrentes no universo dos filmes de luto e comentá-las, fazendo uma primeira abordagem crítica sobre a estrutura de sentimentos de nosso atual período histórico. Nosso objetivo é formar um inventário de filmes de luto com relevância na construção de uma concepção autoral, mapeando as obras que possam servir de estímulo a partir de seus estilos e narrativas mais recorrentes e/ou genuínas.

Cabe salientar que este ensaio faz parte dos esforços iniciais para o desenvolvimento da tese de doutoramento deste autor, intitulada *Dormitórios: reflexividade e dialogismo na criação de um filme-ensaio sobre o luto*, a ser defendida juntamente à UBI. A tese propõe-se a acompanhar o processo criativo de um filme-ensaio sobre os lutos vividos pelo autor, a partir de um movimento de reflexividade, com o intuito de gerar espaços dialógicos diversos, internos ao próprio filme e em sua relação com seus potenciais espectadores. Assim, nos focaremos nas obras produzidas no terreno do cinema, que também possam servir de inspiração ao filme-ensaio *Dormitórios*.

Sobre o luto

Primordialmente, comecemos com a noção de luto. De modo amplo, podemos considerar o Luto como a dor ou sofrimento em consequência da perda de algo ou alguém em que se investia energia e anseios, e em que se havia construído um forte vínculo afetivo (AKHTAR; KANWAL, 2017; PARKES; PRIGERSON, 2010). Apesar de haver vários tipos de luto (por morte, por rompimento de laços, por decepção das expectativas ou insatisfação nas empreitadas e objetivos de vida, entre outros), parece haver na língua portuguesa um senso comum em sua semântica. Luto é a conscientização da perda. Todas as perdas geram dolorosas repercussões e desafios para nossas vidas, e as consequentes reações emocionais e interpretativas acabam por promover alterações em nossas identidades pessoais e relações interpessoais.

De fato, há um consenso claro de que há dois caminhos a serem seguidos pelas pessoas nesse processo: um, orientado para o apego à perda – portanto, negativo e limitante; e outro, direcionado a um prosseguimento de vida – logo, positivo e edificante. Considera-se que uma pessoa enlutada alterne entre ambas as perspectivas durante seu processo de ressignificação (PARKES; PRIGERSON, 2010). Por conseguinte, existe a

possibilidade de que um luto seja saudável ou, alternativamente, que venha a tornar-se um luto crônico, em que é necessário amparo psicológico ou psiquiátrico.

Para Parkes e Prigerson (2010), o luto poderia ser considerada uma patologia temporária, apesar de não a ser. No entanto, a perspectiva reversa, de que o luto seja uma forma de trazer força à pessoa enlutada, também é válida. “Tal qual ossos quebrados acabam por tornarem-se mais fortes do que os ossos que não se quebraram, a experiência do luto pode fortificar e trazer maturidade àqueles que foram previamente protegidos dos infortúnios” (idem, 2010, p.6, tradução nossa). Akhtar e Kanwal (2017) comentam que há muitas pessoas que falam do luto como sinônimo de reconstituição do que havia antes. Porém, as perdas operam transformações significativas e irreversíveis em nossas vidas. À vista disso, o enlutado exercita dois olhares: um olhar para o passado, sobre a memória dos eventos vivenciados; e um olhar imaginativo sobre as lacunas do não vivido ou do futuro (MELGAR, 2009).

Para Pierre Nora, a memória tem alicerces afetivos que buscam “bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial” (1993, p.22). Em grande parte, a memória funciona como resistência a ameaça do esquecimento, pois carrega consigo lembranças afetivas – positivas ou não – que cartografam na mente uma história individual, um sentimento de construção de identidade. O passado é reconhecido e circunscrito pela memória, mas também acaba por ser atualizado pela vivência e cosmovisão do momento presente, tornando-se vivo e mutável (TOMAIM, 2009).

Também será na memória que a deformação de sentidos e significados decorrentes das transformações do agora acabarão por construir o futuro (TOMAIM, 2009). É na imaginação e criatividade que se dará o espaço para exploração de novas possibilidades, a inventividade e inspiração por ideias brilhantes (ANDERSON, 2006). A imaginação é o ato de criar imagens mentais para preenchimento das lacunas memoriais, articulando percepção e emoção em um ato comunicativo.

É a partir desta perspectiva de cura a partir da imaginação que propomos o vínculo entre o luto (a morte) e os processos criativos (a vida). Ao dar forma ou manifestar imagens mentais em imagens audiovisuais ou cinematográficas, o realizador pode estar se adentrando em um universo de autocura através da sua criatividade. Pollock (apud AKHTAR; KANWAL, 2017) indica que trabalhos criativos são utilizados à serviço do

processo de luto, mas que também são considerados como resultado de um luto bem-sucedido ou do esforço para sublimação da dor.

Sobre estruturas de sentimento

O fator terapêutico da arte parece ser senso-comum, principalmente no que tange a sua relação com a morte e o luto, pois são constantemente alvo de esforços criativos variados. Considerando os filmes de luto como parte da produção artística que influencia e é influenciada pela cultura, cremos que tal produção cinematográfica possa conter elementos recorrentes que reflitam nuances de um sentimento social vivido por brasileiros e portugueses atualmente, uma estrutura de sentimentos. O conceito foi cunhado por Raymond Williams e perpassa toda a sua obra. Aqui, tomaremos como referência as considerações, articulações e apropriações de Maria Elisa Cevasco (2001) para sua compreensão. Cevasco (2001, p.150), diz que a partir de uma preocupação analítica com convenções do cinema em determinados períodos da história, Williams partiu de uma visão que integra as ideologias à superestrutura, trabalhando a ideologia como “um sistema relativamente formal de valores, crenças e ideias que podem ser abstraídos de um todo social, como uma visão de mundo ou de classe”. Dessa forma, a ideologia teria uma atuação dominante sobre tudo, inclusive a subjetividade, permitindo que busquemos seus significados na superestrutura social. A partir dessa relação integrada, para Cevasco (2001, p.151), é possível demonstrar como “o externo se torna interno, no conteúdo (reflexo) ou na forma (homologia estrutural)”.

Williams criou o termo para tentar analisar a dinâmica entre “experiência, consciência e linguagem, como formalizada e formante na arte, nas instituições e tradições” (CEVASCO, 2001, p.151) e que pode ser a manifestação de novos comportamentos e de hábitos sociais e mentais integrados a um sentimento que é vivido em determinado período no tempo:

O termo é difícil de entender, mas “sentimento” é escolhido para enfatizar a distinção entre conceitos mais formais de “visões de mundo” ou “ideologias”. Não é preciso apenas irmos atrás de convicções conservadas e sistemáticas, mas obviamente precisamos sempre abarcá-las. Estamos preocupados com os significados e valores enquanto vividos e sentidos ativamente, e as relações entre estes e as convicções formais ou sistemáticas que estão em variáveis práticas (incluindo variáveis históricas), em um conjunto de consentimentos formais com a discordância privada às interações repletas de nuances entre crenças selecionadas e interpretadas, e experiências representadas e justificadas. (WILLIAMS, 1977, p.132, tradução nossa) .

Para Williams, as estruturas de sentimento relacionam-se com as experiências sociais em um formato amplo da expressão, vinculadas a elementos específicos de consciência e de relacionamentos, e não a sentimentos que se opõem ao pensamento (CEVASCO, 2001). “O lugar específico de uma estrutura de sentimentos é a comparação incessante que tem que se dar no processo da formação da consciência entre o que é articulado e vivido” (CEVASCO, p.155).

Para Cevasco (2001), uma análise da estrutura de sentimento dos elementos em comum a diversas obras de arte poderia explicitar características sobre o mundo em que essas obras foram produzidas, pois a ideologia é formante dos contextos sociais circundantes às obras, aos seus produtores e consumidores, e está impregnada na obra de arte: uma resposta social para mudanças objetivas na sociedade. Essas respostas podem ser a representação de características de um grupo ou formação social, a sua ideologia, suas visões de mundo, seus sentimentos. Sendo assim, de acordo com a proposta de identificar quais seriam algumas das características em comum na produção cinematográfica sobre o luto, seria possível vislumbrar elementos ideológicos e sentimentos sociais dessa formação interpretativa, a partir do seu atual cenário.

Sobre o cinema de luto

É importante frisar que consideramos um filme de luto aquele em que a temática tem relevância primordial na narrativa do filme, sendo bem explorada, debatida e propriamente abordada durante o filme (ARMSTRONG, 2012). Neste mapeamento, não consideraremos como filme de luto os filmes que abordam a morte em si, mas aqueles filmes que tratam dos processos prévios ou posteriores à morte, ocupando-se da forma em que as pessoas lidam com o processo de ressignificação de suas perdas. Considerando que o mapeamento servirá à concepção do filme-ensaio *Dormitórios*, definimos dois critérios de seleção básicos:

- 1) A primeira seleção, buscou obras representativas de elementos recorrentes nos filmes de luto em geral, permitindo que formatemos classificações percebidas por este autor como parte integrante e recorrente de uma possível estrutura de sentimento partilhada socialmente;
- 2) A segunda perspectiva seletiva englobou filmes que tenham relevância memorial e afetiva para a futura narrativa autoficcional de *Dormitórios*;

Dessa maneira, o inventário descrito aqui, além de trazer os filmes de luto que representam facetas sociais e culturais identificadas, também possuem grande relevância afetiva e memorial, pois terão vínculo direto com a construção da narrativa de *Dormitórios*. Os filmes aqui apresentados ativam o engajamento emocional deste autor com a narrativa a ser concebida. Em suma, os filmes escolhidos atendem ambos os requisitos, apresentando elementos marcantes em suas construções narrativas sobre o luto, mas ao mesmo tempo invocando memórias afetivas que poderão ser utilizadas na construção reflexiva do filme-ensaio.

Esta será apenas uma primeira abordagem sobre o universo cinematográfico do luto, um breve mapeamento feito para tomar consciência do campo de produção de filmes com essa temática e seu eventual reflexo na estrutura de sentimentos atual. Vale salientar que este mapeamento não é exaustivo. Nos propomos a fazer anotações iniciais, em tom ensaístico – trazendo pré-resultados – para começar a categorização das possíveis representações do luto no cinema. Nosso objetivo é compreender o estado da arte atual de produção de obras fílmicas sobre a temática e a abertura do mercado para novas perspectivas artísticas.

Outro ponto importante de ser sinalizado, é que consideramos os meios atuais de assistência virtual de conteúdo audiovisual (os *streamings*), acessível ao grande público de todas as nacionalidades, como parte de uma perspectiva de assistência cinematográfica, pois houveram inevitáveis adaptações das ritualísticas cinéfilas em decorrência do distanciamento social implementado durante a pandemia de Covid-19. Dessa forma, nos manteremos focados em um espectro de acesso popular dessas obras fílmicas, que é o que nos interessa neste momento. Por essa razão, além de avaliarmos filmes que estejam em cartaz nos cinemas, também avaliaremos filmes que estão disponíveis em aplicativos de *streaming*. Dada a grande diversidade desses canais, escolhemos seis, que suprem demandas de públicos-alvos amplas e livres, de maneira bem demarcadas, trazendo conteúdo audiovisual para todas as classificações etárias. São elas Amazon Prime, Apple TV, Disney Plus, Max, Netflix e YouTube. Da mesma forma em que consideramos os *streamings* como parte do formato cinematográfico, neste momento, não abordaremos os seriados, por uma questão de circunscrição e posicionamento teórico-metodológico. Dado que há uma grande quantidade de filmes de luto encontrados, preferimos manter uma perspectiva qualitativa sobre a amostra, definição que pode ser de maior valia, neste momento.

Nesta seleção, encontramos 27 filmes representativos da categoria. Em primeira estância, esses filmes carregam consigo elementos recorrentes em seus estilos e narrativas, pontos em comum a todos eles. É possível enxergar um fio condutor em suas narrativas e talvez até ousar dizer que há uma revisitação e atualização de mitos. Em um segundo olhar, é possível perceber suas nuances de inventividade e autenticidade, novas apropriações da temática, fazendo articulações criativas entre gêneros narrativos e construções estilísticas. Abaixo, os filmes selecionados:

Título	Título original	Diretor	Exibição	Ano
A cabana	The shack	Stuart Hazeldine	Netflix	2017
A casa monstro	Monster house	Gil Kenan	Netflix	2006
A delicadeza do amor	La délicatesse	David e Stéphane Foenkinos	Amazon Prime	2011
A liberdade é azul	Trois couleurs: Bleu	Krzysztof Kieslowski	Amazon Prime e Apple TV	1993
Anticristo	Antichrist	Lars Von Trier	Amazon Prime	2009
As palavras	The words	Brian Klugman e Lee Sternthal	Amazon Prime	2012
As vantagens de ser invisível	The perks of being a wallflower	Stephen Chbosky	Amazon Prime	2012
Beleza Oculta	Collateral Beauty	David Frankel	Apple TV, Amazon Prime, Max e YouTube	2016
Blue	Blue	Derek Jarman	YouTube	1979
Capitão fantástico	Capitain Fantastic	Matt Ross	Amazon Prime e Apple TV	2016
Como eu era antes de você	Me before you	Thea Sharrock	Amazon Prime	2016
Di Cavalcanti, Di Glauber	Di Cavalcanti, Di Glauber	Glauber Rocha	YouTube	1977
Elena	Elena	Petra Costa	Netflix	2012
Ensina-me a viver	Harold and Maude	Hal Ashby	Amazon Prime e Apple TV	1971
Hora de voltar	Garden State	Zach Braff	Apple TV	2004
Ilha do medo	Shutter island	Martin Scorsese	Amazon Prime	2010
Midsommar: o mal não espera a noite	Midsommar	Ari Aster	Amazon Prime e Apple TV	2019
Morte no funeral	Death at a funeral	Frank Oz	Amazon Prime e Max	2007
O babadook	The Babadook	Jennifer Kent	Amazon Prime	2014
O quarto ao lado	The room next door	Pedro Almodóvar	Netflix	2024
O resgate do soldado Ryan	Saving private Ryan	Steven Spielberg	Amazon Prime	1998
Pedaços de uma mulher	Pieces of a woman	Kornél Mundruczó	Netflix	2020
P.S. Eu Te Amo	P.s. I love you	Richard LaGravenese	Amazon Prime	2007
Tudo Acontece em Elizabethtown	Elizabethtown	Cameron Crowe	Amazon Prime e Apple TV	2005
Uma vida iluminada	Everything is illuminated	Liev Schreiber	Apple TV	2005
Um olhar do paraíso	The lovely bones	Peter Jackson	Apple TV	2009

Up: altas aventuras	Up	Pete Docter e Bob Peterson	Disney Plus	2009
---------------------	----	----------------------------	-------------	------

Ao fazer a busca, uma quantidade significativa e muito relevante de filmes surgiu, o que permitiu-nos deduzir que os filmes de luto estão sendo amplamente produzidos e consumidos. A primeira análise já demonstra que já há diversas abordagens criativas que nos possibilitam falar da formação de um gênero ou subgênero dos filmes de luto, que já não se insere apenas no gênero do drama, mas perpassa diversos outros, como a comédia, a ficção e o terror/horror.

Diversos pontos se repetiram durante a nossa breve análise dos dados, referenciando sub-temáticas que sugeriam uma construção social mais estrutural e ideológica, na base de nossa sociedade deste período histórico, nomeadamente: A dificuldade de assimilação das perdas é usualmente representada pelo silêncio ou a dificuldade de expressão dos personagens; O saudosismo por outros tempos, representado pela constante recordação de eventos relacionados a entes queridos que já se foram; A temática do luto ainda está fortemente vinculada a uma perspectiva feminina, sugerindo-nos um possível silenciamento social masculino autoimposto, visando uma fuga da realidade; As obras de luto geralmente carregam certo cunho autobiográfico, a partir de experiências individuais de luto, apontando para uma dificuldade social de partilha de experiências.

Assim, como traços estilísticos recorrentes, conseguimos observar que, em maior ou menor medida, o silêncio, a perda das palavras ou a perda da expressividade – algo corriqueiro em situações de luto – gera uma demanda criativa de expressão. A reprodução desta dificuldade de verbalização possibilita que os autores trabalhem recursos como a animação, enquadramentos e planos conceituais, mescla de gêneros, entre outras. Por outro lado, os filmes de luto se apropriam de uma estética de imagens de memória, pelo constante trabalho narrativo em *flashback*.

Entre a abstração dolorosa do luto e o seu afrontamento realista, conseguimos perceber algumas nuances importantes nos tratamentos narrativos dos filmes selecionados. De expressões abstratas de luto, identificamos três categorias interessantes: O apelo sobrenatural, que apresentavam histórias de espíritos, fantasmas, monstros, entre outros (ex.: A cabana, Anticristo e O babadook); A fuga da realidade, com *plots* bastante orientados para tramas psicológicas e subjetivas (ex.: Ilha do medo e *Midsommar*); Filmes

de animação, que articulam a temática do luto para públicos livres, o que possibilita a suspensão da realidade em diversos modos (ex.: *A casa monstro* e *Up*).

Já a perspectiva naturalista do luto surge no formato das seguintes classificações: O drama puro, com enredos no entorno de realidades cotidianas do luto (ex.: *A liberdade é azul* e *Pieces of a woman*); Os lutos pré-morte, em que os protagonistas acabam por vivenciar lutos anunciados e previstos, antes que a morte aconteça (ex.: *Blue*, *Como eu era antes de você* e *O quarto ao lado*); O luto romantizado, em que o processo de luto se mescla a um processo de apaixonamento – a cura pelo amor (ex.: *La délicatesse* e *Elizabethtown*); A comédia, em que o luto é satirizado e tratado de maneira leve (ex.: *Hora de voltar* e *Morte no Funeral*); Por fim, o filme documental, que se utiliza de material de arquivos pessoais ou históricos para abordar o luto (ex.: *Elena* e *Saving private Ryan*).

De maneira geral, percebemos que o filme de luto atualmente se distribui por diversos gêneros demonstrando que a temática possui caráter dinâmico para utilização em narrativas. Para finalizar, conseguimos observar que as narrativas de luto abordam o processo de aceitação do luto de forma análoga às jornadas míticas, em que é preciso passar por diversas dificuldades e desafios para obter a ascensão e a paz. A jornada do herói se confunde com a jornada do enlutado. Nesse caso, as dificuldades e desafios surgem quase que restritamente do próprio processo de luto, como os cinco estágios propostos por Elizabeth Kubler-Ross (2008) – a negação, a raiva, a barganha/negociação, a depressão e a aceitação.

Considerações Finais

Este trabalho foi apenas uma primeira abordagem ao campo de produção dos filmes de luto, para compreender quais são as recorrências mais nítidas em seu formato estilístico e narrativo, de maneira que também pudéssemos enxergar conteúdo que fosse representativo de “sentimentos sociais” partilhados entre as produções. Podemos perceber que existem temáticas ideológicas recorrentes nos filmes de luto, como por exemplo as questões de memória, do silêncio e sobre as possíveis “autorizações” do luto, o fatídico silêncio masculino ao tratar-se deste tema.

De qualquer forma, a grande produção de filmes de luto nos sugere que existe uma necessidade de criação, por parte do produtor (que talvez possa ser uma pessoa enlutada) e uma necessidade de testemunhar o filme e experienciar seus efeitos, por parte do espectador. A grande quantidade de produções também sugere duas possíveis formações:

uma estética do filme de luto, concebendo suas usuais aplicações estilísticas; e uma formação de gênero cinematográfico, contemplando também os aspectos narrativos.

Todos estes filmes tencionaram as temáticas do luto, memória, e identidade e acabaram por sinalizar caminhos para novas produções artísticas, como a que estamos propondo em *Dormitórios*. Assim, para trabalhos futuros, surge como sugestão a busca por similaridades de significado e sentido em comunidades interpretativas e emocionais, pois a estrutura de sentimentos pode estar sinalizando um compartilhamento de significados e sentidos além de uma formação de comunidade emocional. Além disso, poderíamos estar diante de uma nova concepção de luto, um luto contemporâneo vinculado às experiências pandêmicas, um “novo luto”? Mais importante, surgiu o questionamento: ao buscarmos o aprendizado de noções e pensamentos construtivos sobre a morte, que geraria um tratamento mais leve para o luto, o cinema poderia ser considerado uma ferramenta eficaz de educação para a morte?

Referências

ANDERSON, L. (ed.). **Creative writing**: A workbook with readings. Abingdon: Routledge, 2006.

AKHTAR, S.; KANWAL, G. (ed.). **Bereavement**: Personal experiences and clinical reflections. Londres: Karnac, 2017.

ARMSTRONG, R. **Mourning films**: A critical study of loss and grieving in cinema. Nova Iorque: McFarland & Company, 2012.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

KUBLER-ROSS, E. **On death and dying**: What the dying have to teach doctors, nurses, clergy and their own families. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2008.

MELGAR, M. C. **Mourning and creativity**. In: FIORINI, L.; BOKANOWSKI, T.; LEWKOWICZ, S. (ed.). On Freud's 'Mourning and melancholy'. Londres: Karnac, 2009.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10, p. 7-29, dez. 1993.

PARKES, C.; PRIGERSON, H. **Bereavement**: Studies of grief in adult life. Nova Iorque/Londres: Routledge, 2010.

TOMAIM, C. **O documentário como chave para a nossa memória afetiva**. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, vol. 32, núm. 2, Jul-Dez, pp.53-69. Revista da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**. Oxford: Oxford University Press, 1977.